

PALCO INFINITO DA CULTURA

AVEIRO



ENERGIA SOLAR NA RIA PÁG. 3

BIODIVERSIDADE PÁGS. 5 E 6

VENEZAS IBÉRICAS PÁG. 7

ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA CÂMARA PÁG. 12 E 13

NAVIGATOR - 70 ANOS PÁG. 16 E 17

III CONGRESSO DA OPOSIÇÃO - 1973 PÁG. 20 E 21



AVEIRO EM IMAGENS



Ecomuseu da Troncalhada



Mural de Vhils, em frente da estação de comboios



Arco do comércio



Capitel na Rua Fernão de Oliveira



CR7 na proa do moliceiro



Antiga lota na posse da Autarquia



Fachada de Arte Nova

Linha curva CULTURA, PALCO INFINITO

Cidade tranquila, em delta. Como uma mão aberta. Espalmada. Com as pontas dos dedos entrando no mar, abrindo as suas gentes. Canais, moliceiros, salinas, arte nova, sentires e sabores por descobrir. Terra da resistência à ditadura de Salazar, Aveiro é marcada, em 2024, por uma distinção especial: ser capital portuguesa da cultura, num projeto inovador que junta Braga e Ponta Delgada, nos próximos dois anos, antes de Évora ser, em 2027, a Capital Europeia de Cultura. Um ano, quatro trimestres. E quatro temas-tema: identidade, democracia, inovação e tecnologias. Aveiro abre-se ao mundo através da cultura. A sua história ostenta nomes sonantes do liberalismo e da democracia. José Estevão (1809-1862), tribuno ímpar, é uma das figuras

maiores. Criou jornais (Tempo e Revolução de Setembro) e defendeu tenazmente a liberdade de imprensa. Em 1866, Bulhão Pato, dedica-lhe versos de exceção, num poema pouco conhecido: E se a mão da prepotência/ procurava erguer-se altiva,/ quem mais pronta e quem mais viva/ tinha sempre a inspiração?/ era ouvi-lo ouvir a pátria,/ quando exclama na ansiedade/ "Liberdade, oh! Liberdade" /com a voz no coração. José Estevão tem rua, praça e estátua em Aveiro. Eça também andou por aqui. O palacete do seu pai foi recentemente transformado num hotel de luxo. A mesma sorte não teve a casa de José Estevão que também é hotel, mas modesto. Mais recentemente, outro nome grande: Mário Sacramento (1920-1969), opositor de Salazar/Caetano, ligado aos 'congressos da oposição'. Aveiro foi palco de três congressos da oposição

democrática. O terceiro, realizado em 1973, tornou-se germen do '25 de abril'. Melo Antunes, ideólogo do MFA (Movimento das Forças Armadas), esteve presente. De Aveiro é também natural José Afonso, autor de "Grândola Vila Morena", canção emblemática da 'revolução dos cravos', de há 50 anos, quase. Múltiplas são, pois, as razões que estão na base deste jornal especial dedicado a Aveiro. Trinta jovens, com o jornalismo na pele, foram conhecer a 'vенеza portuguesa' e dela trouxeram as muitas histórias que aqui se contam. Desfolhar, para saber. E ouvir/ver os sons e imagens que saltam das páginas será uma boa forma de conhecer melhor a capital da cultura que se pensa como palco infinito. Descobri-la é saber que a cultura mexe na essência da vida. Venham daí senti-la! **Luiz Humberto Marcos**

Ágora DIGITAL - AGORA.ISMAL.PT | WWW.FACEBOOK.COM/JORNAL.AGORA

FICHA TÉCNICA EDITOR Luiz Humberto Marcos COORDENAÇÃO Alexandre Lopes, Magda Pereira, Maria Lerenó, Maria Martins, Sofia Miranda EQUIPA DE EDIÇÃO Alexandre Lopes, Maria Martins, Magda Pereira, Maria Lerenó, Isaac Silva, Sofia Miranda, Bernardo Moreira, Vivian Santos REDAÇÃO Alexandre Lopes, Ana Candeias, Beatriz Santos, Bernardo Moreira, Catarina Araújo, Cláudia Barrio, Daniela Viana, Diana Gonçalves, Gonçalo Fonseca, Gonçalo Lourenço, Gonçalo Pereira, Gonçalo Ribas, Isaac Silva, Lara Silva, Lucia Liarte, Magda Pereira, Maria Lerenó, Maria Martins, Maria Reis, Maria Simões, Martim Magalhães, Matias Teixeira, Natalia Ramos, Nuno Vinha, Patricia Machado, Rafael Coelho, Serafim Alves, Sofia Miranda, Vítor Monteiro, Vivian Santos FOTO DA CAPA Luiz Humberto Marcos PROJETO GRÁFICO INICIAL Cláudio Carvalho GRAFISMO Alexandre Lopes, Maria Martins, Daniela Graça (coordenação) ENDEREÇO Universidade da Maia - UMAIA, Av. Carlos Oliveira Campos, Castelo da Maia, 4475-690 Avioso S. Pedro, Tel. (351) 229 866 000 ONLINE www.umaia.pt, info@umaia.pt IMPRESSÃO Naveprinter ISBN 978-989-8609-21-2

ENERGIA SOLAR
INOVA TURISMO

TEXTO **Beatriz Santos** FOTOS E VÍDEO **Alexandre Lopes, Matias Teixeira**

Um barco totalmente movido a energia solar percorre os canais da Ria,
reinventando o turismo de forma sustentável

Coletes bem ajustados, entrem no barco com o pé direito e sentem-se. A ordem é de quem comanda este projeto inovador. São onze horas de uma manhã que afugentou as nuvens. Sandra Oliveira vai dar a conhecer a história da Ria e da empresa familiar "Sterna".

Trata-se de um projeto que se destaca pela sua diferença e sustentabilidade. Assim nasce a Sterna, um barco movido a energia solar, com o total de 6 painéis. Somos doze pessoas a bordo, incluindo a tripulação. O barco rasga silenciosamente as águas. Grasmam gaivotas. Neste passeio ecológico ouvem-se relatos fascinantes sobre a história da Ria. O olhar detém-se nas particularidades das duas margens da ria. Casas abandonadas, aves distintas, canais estreitos e largos. Estamos em contacto com a natureza no seu estado mais puro.

O passeio dura cerca de uma hora e vin-



Salicórnia, explosão de sabores

te e em nenhum momento há monotonia, ou cansaço. Sílvia Vilar conduz o barco, como verdadeiro timoneiro e Sandra lidera o passeio desfiando histórias obre a ria. Com ênfase e algum humor. Enquanto se ouvem as histórias, observam-se as planícies infinitáveis de água e terra. O silêncio ensurdecedor das águas rasgadas pelo barco torna o passeio num bom momento de reflexão e contemplação da 'mãe natureza'. A grandiosidade e o poder da Ria de Aveiro fazem-nos sentir pequenos e impotentes.

O birdwatching faz parte desta experiên-

cia sensorial da Sterna. Muitos dos visitantes fazem o passeio de propósito para a observação das aves. Os proprietários investiram no seu estudo para oferecer cada vez mais conhecimento a quem os procura. "Isto tudo foi uma aprendizagem", confessa a 'comandante'.

A meio do trajeto, surge a surpresa. O requinte da hospitalidade: uma degustação de doces tradicionais da cidade, que vai além dos famosos ovos moles. Na mesa: sumos, espumantes, biscoitos de bacalhau e a salicórnia (uma planta em pó com um sabor salgado) que, quando polvilhada nos ovos moles, cria uma explosão de sabores.

Passada a degustação flutuante, há outra experiência especial. Sandra e Sílvia reservam um momento de total silêncio para ouvir a ria e o palrar das aves pousadas nos ramos ou mergulhando nas águas. Silêncio! Depois, é ver as aves, flamingos, gaivotas... a sobrevoar-nos, deixando traçado o seu caminho. Nas águas da ria ficam os reflexos dos voos.



GRAVIDEZ, COVID-19, AVENTURA

Sandra Oliveira, a impulsionadora deste projeto, conta como tudo surgiu. Trabalhava na área de Recursos Humanos, que abandonou após engravidar. Entre licenças de maternidade e contratos que não se renovaram por ser mãe, Sandra procurou criar o seu próprio negócio. Explica que o seu marido, Sílvia Vilar, sempre teve intenções de terminar os seus dias num projeto ligado à Ria. Não nos canais urbanizados que todos conhecem, mas sim na parte mais selvagem. Numa conversa entre amigos, o casal descobre que um dos colegas tinha um barco para venda. Compraram o barco em dezembro de 2019, remodelaram-no e tiraram a carta de marinheiro. O primeiro tour foi "um dia antes do primeiro lockdown do Covid", explica Sandra. Apesar dos meses parados, o casal não cruzou os braços. Fez formação e consultoria com a Biosfera, tornando a embarcação "certificada a nível de sustentabilidade". Ao mesmo tempo, a pausa serviu para "criar um storytelling fidedigno, ou seja, tudo o que contamos é real". A preocupação de fazer com que o cliente não se sinta mais um é o foco do seu objetivo: "Saber exatamente o nome das pessoas, saber com quem contam e de lhes falar diretamente com o nome". Ou seja, esta aventura "não é apenas mais um passeio de barco". Para a empresária Sandra, "é muito importante que o cliente saia satisfeito e que terminemos o nosso dia realizados".



Coletes apertados, começa a viagem



PARQUE DE CIÊNCIA: INOVAÇÃO SEM FRONTEIRAS



TEXTO **Martim Magalhães** FOTOS **Gonçalo Lourenço, Vítor Monteiro**

A contínua aposta no Parque de Ciência marca de forma muito positiva o enriquecimento da região de Aveiro.

A infraestrutura contou com 16 milhões de euros de investimento total e é hoje uma forte representação da ligação entre o conhecimento e a economia. A verdade é que não dá para representar por palavras a dimensão de todo o parque e ao mesmo tempo a preservação que o mesmo consegue manter. O projeto está “por estrear” ainda. Para nos ajudar, tivemos o apoio do atual vice-reitor da Universidade de Aveiro, João Veloso, que viu o Parque da Ciência e Inovação (PCI) a nascer e acompanhou gradualmente o crescimento do mesmo, estando ativamente envolvido na ala da coordenação. O PCI conta atualmente com 385 colaboradores, 48 empresas incubadas e 150 projetos. São 35 hectares únicos à escala nacional. Trata-se de uma aposta de equipa entre a Universidade de Aveiro, o poder local e principalmente as empresas. No entanto, o Parque, como foi referido por João Veloso, tem apenas 5 anos de existência: “O projeto está na sua infância. Tem muito para crescer e para percorrer”.

É notável que um programa que envolve inúmeras empresas, precisa de uma organização muito cuidada e essencialmente de tempo e muita dedicação para crescer de uma forma saudável. “Todas as oportunidades que são dadas às startups fazem deste parque um local marcado pela elevada intensidade de trabalho, o que no final das contas traz efeitos muito positivos tendo em conta as necessidades estabelecidas”, afirma João Veloso.

A palavra “incubação” foi muito presente nesta entrevista e é o fator chave para o seu, por vezes de uma forma bastante rápida. Consiste em ajudar e colaborar com a startup ativamente para no final das contas a mesma não fracassar ao longo do tempo. Isto faz com que a taxa de sucesso seja maior e torna o PCI num lugar cada vez mais rico e rodeado de empresas de maior estatuto.

Quando questionado sobre o futuro da instituição, João Veloso revelou-se positivo e pronto para um futuro promissor: “Nós queremos ocupar o máximo de lotes que temos aqui para que as empresas possam edificar os seus próprios centros de competências”.

O envolvimento do Parque nos próximos anos ficará marcado pela sua forte internacionalização e pelo crescimento das suas infraestruturas. Decidimos abordar o tópico do que seria o Parque daqui a 5 décadas, ao que o vice-reitor positivamente respondeu: “Acredito já agora que daqui a 50 anos tenhamos tudo ocupado e que possamos estender o parque para aumentar a capacidade de captação.”

Terminamos esta experiência com um tour pelas várias oficinas de trabalho e escritórios das empresas, algumas



Gabinetes e zona de lazer do Parque



João Veloso, responsável do Parque e Vice-reitor da Universidade de Aveiro

com milhões de euros de lucro anual e outras ainda no berço. O que é certo é que o PCI está a colocar Ílhavo no mapa, potenciando novas oportunidades a projetos inovadores e monetariamente favoráveis.

No final das contas há que valorizar a sua capacidade de evolução rápida e ideais únicos para que, num futuro longínquo esteja ainda melhor e 100% capaz de acolher o máximo de startups possíveis.



Átrio de entrada do Parque da Ciência e Inovação



A DANÇA DA BIODIVERSIDADE EM SÃO JACINTO

TEXTO **Magda Pereira, Patrícia Machado**



BIODIVERSIDADE MOBILIZA A CIDADE

TEXTO **Magda Pereira** FOTO **Gonçalo Ribas, Patrícia Machado**

Nas dunas de São Jacinto e ao longo da região, a Biodiversidade revela-se como uma obra-prima natural. Entregarças, flamingos e plantas, é desenhado um retrato da coexistência entre a cidade e a natureza.

Nas águas serenas e nos canais, a cidade emerge como um santuário de biodiversidade. A disparidade é tanta que encanta os olhos de quem escolhe Aveiro para dar um passeio. Aqui é celebrada a herança cultural e é protegida a natureza. Ao explorar a região, não testemunhamos apenas uma cidade encantadora, mas também a sinfonia da natureza que se desenrola nas suas margens.

Entre as dunas localizadas em São Jacinto, e com um cheiro forte a maresia, encontramos um ecossistema resiliente, com plantas adaptadas à areia e à salinidade. Esta pérola é um lar ambiental que encanta os amantes da natureza e os defensores da biodiversidade. Este ecossistema singular estende-se ao longo da costa atlântica, sendo um testemunho da beleza natural e um refúgio para diversas espécies. “Estamos a falar de uma área que é extremamente importante, em termos de conservação, das aves, dos habitats”, expressou o biólogo Nuno Forner quando questionado sobre esta Reserva.

Aqui é uma paragem crucial para as aves migratórias nas suas longas jornadas sazonais. Espécies de aves marinhas, como as gaivotas e as an-dorinhas-do-mar passam por este

belo sítio e as cegonhas utilizam as dunas como abrigo e local de nidificação, sendo “uma zona húmida, com características muito específicas, que leva a que exista um conjunto de aves que vão aqui nidificar”, segundo Nuno Forner.

No entanto, esta beleza natural enfrenta uma série de desafios. O crescimento urbano e as mudanças climáticas têm ameaçado alterar o equilíbrio que a define. “O nível médio do mar já subiu 20 cm, e espera-se que, até 2100, suba mais 80. Isto vai alagar zonas que têm costas abaixo destes valores”, revelou o oceanógrafo João Dias que, devido às mudanças climáticas, afirma estes valores com alguma preocupação.

Porém, os ambientalistas e as comunidades locais, conscientes da fragilidade destes ecossistemas, unem esforços na preservação e na promoção de práticas sustentáveis e de sensibilização.

Ao explorar Aveiro, não estamos diante de apenas uma cidade encantadora, mas também testemunhamos como a natureza se desenrola nas suas margens. Esta riqueza biológica tem de ser preservada por todos. E não cabe apenas à população local, mas a todas as pessoas que passam pela região. Aqui, a preser-

vação da biodiversidade é única e é mais do que uma missão. É uma promessa de um legado para as gerações futuras. Num mundo que se encontra em constante mudança, Aveiro é o exemplo vivo da possibilidade da vida natural e da vida humana coexistirem no mesmo local.

A relação biológica ressoa como um apelo à coexistência harmoniosa entre a civilização e a biodiversidade.

No Estuário da Ria, onde a água salgada encontra a doce, revela-se uma cena de grandeza natural: enquanto os peixes dançam sobre as ondas. Na altura da migração, o Estuário torna-se num espetáculo que enche o coração de quem o contempla.

Os canais que tecem a cidade são diversidade de seres aquáticos. As águas por onde os moliceiros navegam são um reflexo da cidade, e mostram com muita clareza o tipo de biodiversidade que existe na região. Os peixes deslizam sobre as águas e as aves marinhas encontram o seu alimento nas margens. Estes canais são um elo vital, que demonstram como a natureza pode coexistir com o urbano, e são o que transformam a cidade numa verdadeira “Veneza Portuguesa”.

Um diálogo entre ciência e beleza, desvendamos a riqueza da Reserva Natural das Dunas de São Jacinto. Nesta entrevista, somos guiados por um especialista que nos conta sobre estes ecossistemas, revelando que enfrentam desafios.

tos, o que altera as áreas de alimentação dessas aves. Essas áreas, que eram áreas pouco profundas, tornaram-se áreas mais profundas. As aves acabaram por perder algumas das áreas de alimentação.

Por que é crucial conservar as dunas, dadas as ameaças do turismo e da construção?

As dunas são um habitat que está bastante ameaçado. Se olharmos para toda a área costeira a nível nacional, as Dunas são das áreas mais pressionadas a nível de turismo, a nível de construção de infraestruturas, sejam infraestruturas hoteleiras ou vias de comunicação. E são áreas que, como estão ameaçadas, já existem tão poucas e têm uma enorme relevância a nível de biodiversidade, importa que possamos conservá-las.

Quais desafios a Reserva Natural enfrentará no futuro?

Se falamos da subida do nível do mar, certamente teremos aqui uma grande ameaça em termos de redução da área de duna. É uma área que está bastante limitada, por um lado, pelo mar, por outro lado, pela Ria. A pressão urbanística que possa haver faz com que toda a envolvente da Reserva possa sofrer alterações ao nível de degradação com a instalação de mais áreas habitacionais. Existe também a pressão turística que, por exemplo, com a utilização de veículos todo-o-terreno, sejam jipes e motos, vão degradando essas mesmas estruturas dunares.



Forner: “As dunas têm uma enorme relevância a nível de biodiversidade”



VOZES DO OCEANO ALERTAM PARA OS RISCOS

TEXTO **Magda Pereira** FOTOS **Gonçalo Ribas, Patrícia Machado**

Nas marés, onde a ciência e a natureza se encontram, desvendamos os segredos da Ria. Oceanógrafo João Dias, especialista em modulação hidrodinâmica de zonas costeiras há 25 anos, revela que a Ria é o seu laboratório natural.

As mudanças climáticas estão a afetar a biodiversidade e os ecossistemas. De que maneira?

A Reserva Natural das Dunas de São Jacinto tem uma particularidade localizada entre a Ria e o Oceano Atlântico. Podemos ter perda de território devido à subida do nível médio do mar e das variações no regime de agitação marítima. Devido ao molho sul da Ria, a embocadura tem dois molhos construídos artificialmente para proteger a entrada dos navios em condições de mar mais adversas. Sendo estruturas perpendiculares à costa, têm um efeito particular em Portugal. O transporte de sedimentos ao longo da costa dá-se de norte para sul e vai reter os sedimentos. O molho sul tem feito crescer a praia na Reserva Natural e não está ameaçada pela subida do nível médio do mar, nem por variações nos regimes temporais.

Quais os principais fatores de risco de invasão costeira nesta região?

O mais crítico tem sido a ação humana. As zonas em risco de inundação na região são marginais à Ria. São alagadas quando o nível de água extravasa a costa natural do terreno e alaga terrenos. É um facto, o nível médio do mar está a subir. Já subiu 20 cm, e espera-se que, até 2100, suba mais 80 cm. Isto vai alagar zonas que têm costas abaixo destes valores. Antes do homem cá estar já havia alterações climáticas. O aquecimento global aumenta também a temperatura da água do mar.

De que modo se pode garantir a sustentabilidade da costa?

As zonas que já estão identificadas como estando em risco podem intensificar no futuro. O que está em risco é apenas o que está abaixo de 80 cm. Portanto, não é muito grande em termos de águas interiores. Em termos costeiros, o risco é maior, mas é uma tendência natural. Estas zonas têm erodido ao longo dos anos, não é de agora. As alterações climáticas não virão a trazer maior risco do que já existe atualmente. Há sempre alguma perda porque há uma deriva litoral ao longo da costa portuguesa.

Como podem os cidadãos contribuir para a sustentabilidade?

Termos hábitos mais sustentáveis. Se consumirmos menos energia, vamos emitir menos gases de efeito estufa, vamos melhorar o problema das alterações climáticas. Enquanto espécie humana, não somos muito sensíveis a estas alterações. Os jovens gastam muito mais energia. Estão sempre agarrados ao telemóvel, mudam de telemóvel, mudam muito de roupa, viajam muito mais. Raramente andam a pé. E vão, contrariamente ao que seria expectável, porque estão mais sensíveis para as questões ambientais. Portanto, o que podemos fazer é gastar menos energia. É comprar menos roupas, ter menos desperdícios, não mudarmos tanto o telemóvel, andarmos a pé, não

ligarmos o ar-condicionado, exceto em situações extremas. O homem pode intervir para proteger as áreas que estão em risco.

A comunidade local está ciente disso?

Acho que há um conhecimento bastante razoável do que se passa na região. A população está menos bem informada, tem noção dos problemas de uma forma geral. Muitas vezes, as notícias também não são creíveis. Agora, se acho que há capacidade de intervenção por parte das autoridades e dos decisores po-

líticos, penso que sim. Temos visto exemplos de várias obras e infraestruturas que têm sido aqui construídas para proteger. Ao nível da população, vejo mais dificuldade que elas não possam intervir de alguma forma, porque, individualmente. O proteger é sempre a opção preferida do proprietário, mas isso tem um custo que não é suportado por ele, é suportado pelo Estado. Claro que o cidadão individual nunca acolhe isso bem, como é evidente. E eu também, se cá fosse a minha casa que estivesse em risco, ou a minha empresa, se cá também não acolhia bem.



Moliceiros na Ria de Aveiro



João Dias: “os jovens gastam muito mais energia”, pondo em risco a sustentabilidade ambiental



VENEZAS IBÉRICAS: AMPURIABRAVA E AVEIRO

TEXTO E FOTOS **Claudia Barrio, Lucía Alba, Natalia Ramos**

Não muito longe da famosa cidade italiana, estas duas cidades surpreendem pela semelhança com ela, muito além dos seus canais.

No mapa da Europa mediterrânea, existem duas cidades que se destacam pelo seu encanto: Aveiro, conhecida como “A Veneza Portuguesa”, e Ampuriabrava, em catalão “Empuriabrava”, a “Veneza Espanhola”. Não existem dúvidas nas suas semelhanças, estas cidades quase irmãs contam histórias distintas, desde as suas origens até ao seu estilo de vida. Aveiro, com raízes que se remontam à época romana, e o seu título de cidade obtido em XIII, contrasta com Ampuriabrava, uma cidade costeira cujo desenvolvimento ocorreu na década de 1960 como parte de um ambicioso projeto na Costa Brava, na Catalunha.

O principal ponto atrativo de ambas as cidades são os seus canais. Aveiro possui quatro canais preciosos, rodeados pelos moliceiros. Estes canais colhem algas marinhas e agora oferecem passeios turísticos. Ampuriabrava, por seu lado, dispõe de 24 quilómetros de canais navegáveis, criando um ambiente perfeito para a navegação e atividades aquáticas. A arquitetura converte-se no ponto distintivo de cada cidade. Aveiro, com o seu encanto de “Art Nouveau” e casas coloridas, contrasta com arquitetura moderna e a temática marinha de Ampuriabrava. Quanto ao seu estilo de vida, Aveiro oferece tranquilidade, passeios de barco e atividades culturais, enquanto Ampuriabrava oferece animação, desportos aquáticos e um cenário de lazer.

Por outro lado, também devemos ter em conta o ambiente universitário, que promove a vida juvenil. No entanto, Ampuriabrava, não possui universidade própria, a mais próxima é a universidade de Girona, que converte a cidade num lugar mais propício para o ambiente de férias.

Nesta jornada, tivemos o privilégio de entrevistar Teresa Fernández, residente de Ampuriabrava e assídua visitante de Aveiro. Segundo Teresa, Aveiro é uma cidade para contemplar. Enquanto, Ampuriabrava é uma cidade em constante movimento. Após a sua recente visita a Veneza, Teresa afirma que, “embora ambas as cidades partilhem a ca-



Ancoradouro em Ampuriabrava



Ponte da Amizade nos canais de Aveiro

“Aveiro é uma cidade para contemplar, enquanto Ampuriabrava é uma cidade em constante movimento.”

racterística dos canais, Aveiro é assemelha-se mais à calma da cidade italiana.”

Também tivemos o prazer de entrevistar uma professora natural de Aveiro, Carmo Marques. Ela afirma que “é uma cidade que se destaca pela sua luz e proximidade tanto à costa como ao campo.” Além disso, salienta que a sua terra perdeu parte da essência devido a questões políticas que beneficiam

a especulação imobiliária e o turismo descontrolado. Apesar disto, para esta docente, sempre existirá algo especial no coração desta cidade, nos canais e nas pessoas. Acerca da sua similaridade com Ampuriabrava, Carmo não conseguiu confirmar, pois nunca visitou a cidade, porém, assegura que gostaria de fazer no futuro.

Embora não exista um acordo oficial entre ambas as cidades irmãs, a possibilidade de estabelecer uma ligação turística para promover o intercâmbio cultural poderia ser um passo interessante a realizar. Apesar da disparidade em termos de reconhecimento e de população, esta geminação oferece a ambas as cidades a oportunidade de partilhar a sua singularidade e enriquecer-se mutuamente.

Além dos canais, estas cidades oferecem uma rica experiência cultural e paisagens arquitetónicas que merecem ser exploradas. Apesar das diferenças, a ligação entre eles é inegável, tornando-os destinos únicos.



OFICINA DE DOCES: UM LUGAR DE HISTÓRIA E CRIATIVIDADE

TEXTO **María Martins**

Nas dunas de São Jacinto e ao longo da região, a Biodiversidade revela-se como uma obra-prima natural. Entregarças, flamingos e plantas, é desenhado um retrato da coexistência entre a cidade e a natureza.

A Oficina do Doce é uma marca e um espaço do universo “FabriDoce”. Foi fundada em 1989 e é especializada em doçaria de excelência. Atualmente, este local abriga uma extensa gama de produtos, lojas e clientes.

Ao entrar na FabriDoce, deparamo-nos com um ambiente aconchegante e familiar. O cheiro adocicado preenche a atmosfera e os nossos olhos caem na imensa quantidade de doces expostos em prateleiras. A simpatia das pessoas torna este lugar mais bonito e acolhe toda a gente com alegria e vontade.

Uma oficina com mais de 30 anos de história, um universo fascinante de doces, onde cada dentada é uma viagem sensorial ao paladar. Dos clássicos aos mais inusitados, está em constante inovação no mundo dos sabores açucarados. A dimensão FabriDoce não se prende somente à fabricação do doce. Num espaço de cinquenta metros existem mais duas lojas: gelataria e loja de venda. Tiago Capela, coordenador da fábrica, diz-nos que “os ovos moles acabam por ser um monopólio para a nossa cidade e, por isso, de grande importância para Aveiro”.

Este doce é uma iguaria única que transcende fronteiras e que conquista paladares com a sua textura e sabor inconfundível. Assim, além de Portugal, esta empresa já chegou aos Estados Unidos, à França, ao Luxemburgo e aos Países Baixos, regiões com grandes comunidades portuguesas. Atualmente, a Oficina do Doce é a empresa com maior exportação e produção de ovos moles, confeccionando cerca de meia tonelada diária.

Os principais doces vendidos, além dos famosos ovos moles,



Tiago Capela, coordenador da oficina do doce

são as raivas, que se distinguem por terem um sabor amanteigado, com um toque de canela crocante. A oficina está muito bem posicionada quando se trata de comentários e reviews na Internet. Tiago Capela confessa que “as pessoas gostam de nós, temos bons comentários online, um fenómeno que aos poucos vai atraindo novos clientes”.

Na oficina do doce não existem limites à experiência. Este lugar distingue-se dos outros pela realização de workshops de ovos moles. Desde crianças a velhinhos ou até mesmo estrangeiros, todos são bem-vindos a entrar nesta atividade rica de conhecimento. Além do português, estes workshops podem ser transmitidos em mais duas línguas, francês e inglês.

Todo o processo de confeção de ovos moles é feito de forma tradicional, desde o fabrico da calda até ao seu preenchimento. Em alerta aos consumidores de ovos moles, Tiago Capela salienta que “não podem ser guardados no frigorífico, pois a hóstia fica mole e o creme fica rijo, sentindo-se o granulado do açúcar”. Com o passar do tempo, explica, “acaba por ganhar bolor no seu interior, devido

à humidade”. Devem ser deixados à temperatura ambiente, até aos vinte e cinco graus, diz quem sabe. Sobre a inovação ou a criação de novos produtos, afirmaram que o produto em desenvolvimento é o mochi. Apesar de não ser uma inovação, a FabriDoce mostra-se como candidata à confeção deste produto de origem japonesa. Tiago Capela diz que “a FabriDoce chegou-se à frente para dar a conhecer esta nova ideia.”

A sustentabilidade é uma característica forte desta empresa. Tanto as aparas das hóstias dos ovos moles, como a clara do ovo, são devidamente encaminhadas para um novo ciclo, de modo a evitar desperdícios. Os trabalhadores levam os restos das hóstias para casa, reaproveitando-as na sua alimentação ou dos seus animais. Já as claras, são separadas no momento de venda, e posteriormente vendidas a outros produtores com necessidade do produto.

De Aveiro para o mundo, os ovos moles são mais do que um simples doce regional. São um testemunho da tradição, da habilidade artesanal e da paixão que transformam os ovos, o açúcar e a água numa receita culinária sem igual.

OVOS MOLES: AMOR E TRADIÇÃO DESDE 1882

TEXTO **Gonçalo Ribas**
FOTO E VÍDEO **Patrícia Machado**

Nascidos em 1882, no Convento de Santa Joana, os ovos moles são mais do que um doce. Na loja “Cais dos Ovos Moles”, a fragrância e o sabor autêntico perpetuam uma narrativa de séculos.

Cheiro a infância, sabor a tradição e uma receita que ultrapassa o tempo. Os Ovos Moles são mais do que um simples doce, são um pedaço da história preservado com carinho e paixão. Na loja “Cais dos Ovos Moles” isso tudo é possível sentir e somos transportados para quase 150 anos de um sabor único e de uma história bastante feminina.

A história dos Ovos Moles começa em 1882, quando uma funcionária do Convento de Santa Joana partilhou, pela primeira vez, a receita que se tornaria uma lenda. “O segredo de ovos moles é não haver segredo, a sua simplicidade é que o torna um doce único”, revela Maria João Santos sobre a confeção desta iguaria.

São apenas três ingredientes que os constituem. A qualidade da gema, o método manual de preparo, com a utilização da lenha, e o ingrediente especial, o amor, são os pilares que sustentam esta tradição gastronómica. A sua produção é um ritual meticuloso. Cada doce é moldado manualmente, e carrega consigo não apenas um sabor único, mas também o carinho dos artesãos que, geração após geração, mantêm a qualidade inigualável. A magia acontece entre a hóstia e o creme, o que permite criar um produto verdadeiramente único.

Num mundo em constante mudança, a empresa por detrás dos Ovos Moles demonstra a habilidade de se adaptar sem perder a essência. Ao manter a qualidade e ao selecionar fornecedores cuidadosamente, ajusta-se às mudanças nas preferências dos clientes, com opções de embalagens e tamanhos menores, sem comprometer a autenticidade da

receita original. Os Ovos Moles não são apenas um doce, são um testemunho vivo de uma tradição que sobreviveu às adversidades ao longo dos tempos. Com apenas 66 calorias, estes pequenos tesouros são uma prova de que os produtos tradicionais não só resistem ao tempo como também conquistam novas gerações. Os clientes fiéis continuam a procurar os Ovos Moles não apenas pelo sabor, mas pela ligação sentimental que os une às suas raízes.

Desde o Convento de Santa Joana até a atualidade, os Ovos Moles resistiram às guerras mundiais, aos regimes políticos e à pandemia da Covid-19. Sempre nas mãos de mulheres, a empresa manteve-se fiel à sua promessa de preservar a tradição.

A história dos Ovos Moles é também a de Silvina Raimundo, ou “Silvininha” como é conhecida, uma mulher de palavra que, originária da Serra, manteve a promessa feita à tia e à sogra. Casou em Aveiro, contribuiu também para a evolução, mas nunca abandonou a tradição: “O segredo reside no amor e na simplicidade”, garante Silvina Raimundo.

A empresa continua a prosperar, e emprega muitas pessoas. Mais do que uma receita, cada doce conta a narrativa de uma comunidade e de uma tradição que resiste ao teste do tempo.



Maria João Santos corta as hóstias



TONS DE MARESLIA: A ARTE DE PINTAR A RIA

TEXTO **María Reis** FOTOS E VÍDEO **Catarina Araújo**

José Oliveira é um dos nomes mais conceituados, de sempre, na arte de moliceiros. Trabalha com pintura artística, faz azulejaria e pinturas a óleo, mas é o amor pelas embarcações tradicionais da Ria que o levam a olhar com apreensão para o futuro.

Numa pequena vila piscatória denominada Murtosa, o cenário é pintado por moliceiros. Estes barcos coloridos, ancorados com graciosidade, ao longo das margens, criam uma paleta vibrante que contrasta harmoniosamente com o azul suave das águas circundantes. Entre as 1001 maravilhas, é na zona industrial da vila que nos deparamos com um atelier criativo, o Pessa.

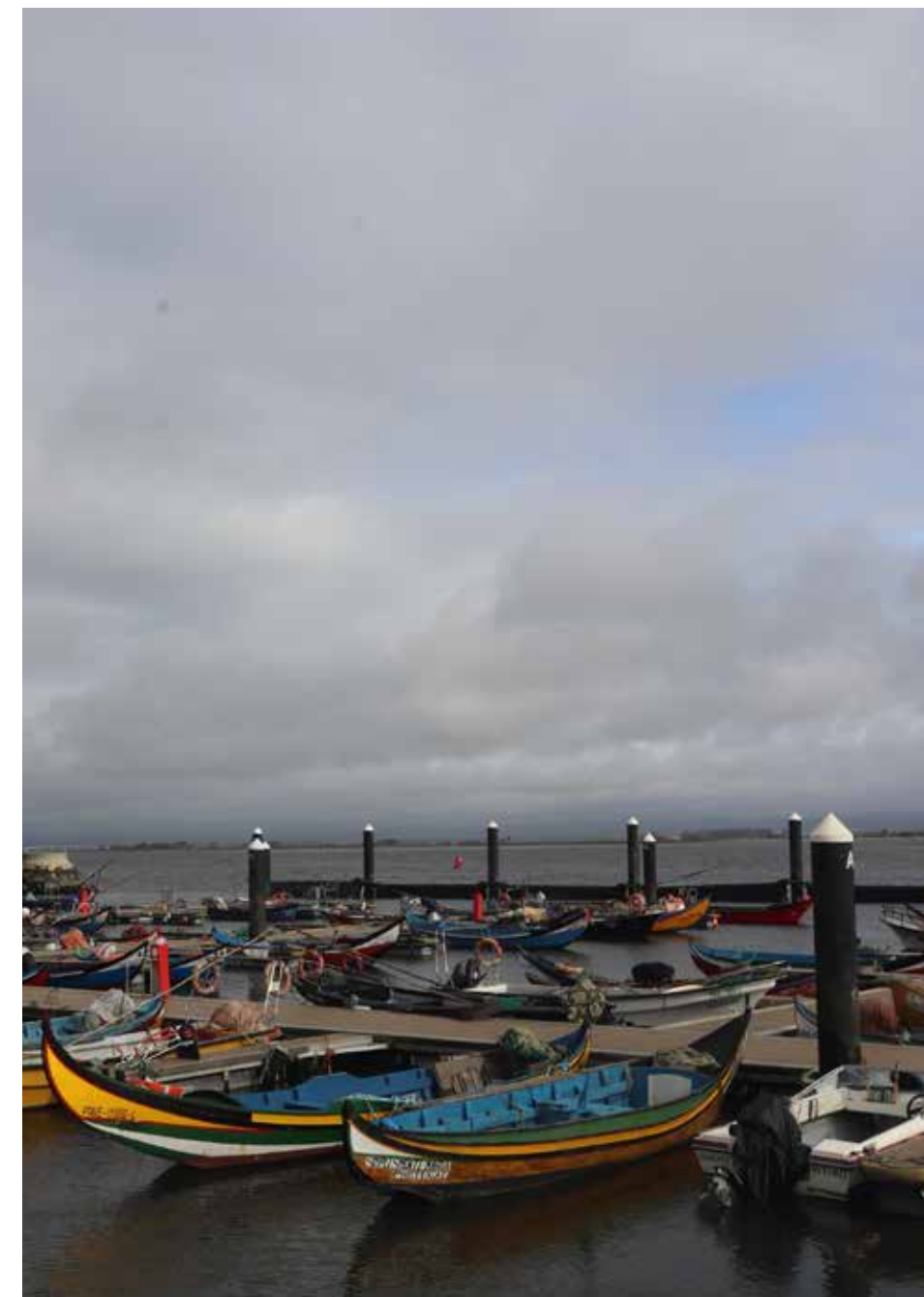
Rodeado de tintas e esferovite, é aqui que encontramos José Oliveira, mais conhecido por Zé Manel, de 54 anos. Atualmente, é o único homem em atividade a pintar painéis destes barcos. Desde cedo, o pintor, neto de moliceiro e pescadores, foi habituado ao cheiro da maresia, cujo acredita que essas vivências o tenham levado ao fascínio pela sua atual profissão.

José Oliveira, através da sua arte, tem transmitido parte da cultura para aqueles que aqui passam: “Eu posso criar tipos geométricos, mas com o cuidado de obedecer sempre às regras, para não desvirtuar a pintura do barco”. Dessa forma, José Oliveira reserva os seus conhecimentos e técnicas, dando continuidade a uma tradição que tem despertado cada vez mais os jovens.

A sua trajetória profissional começou nos estaleiros da baixa de São Jacinto, onde aprendeu a profissão de traçador naval. Desde 1989 que é o responsável pela pintura da maioria dos painéis de moliceiros existentes na Ria.

Perante tal feito, o Município da Murtosa decidiu homenagear o seu percurso criativo com a publicação do livro “Memórias – 30 anos a Pintar a Ria”, apresentado no museu da cidade. O livro reúne o extraordinário espólio documental do artista, com registo em fotografia dos mais de 700 painéis de moliceiros por si pintados. Nos últimos trinta anos, o Mestre José Oliveira foi já várias vezes premiado em concursos de pintura e escultura e está representado em várias coleções dispersas por Portugal e diversos países.

Nos painéis que pinta, e nos diferentes floreos, o artista faz questão de expressar as suas vivências pessoais e das gentes da beira-ria.



Moliceiros na Ria

De modo “brejeiro”, e de forma desprevenida, dá vida a algumas temáticas da sua cultura, como a lavoura, a pesca de arte xávega e a própria população local.

Além destas fontes de inspiração, José Oliveira destaca ainda como os painéis tendem a ser retratados de forma satírica, patriótica,

humorística e até mesmo religiosa: “Quando se pinta o painel é quase como uma música de Quim Barreiros. Tem que se jogar com as palavras e colocar a malícia na cabeça de quem está a observar e a lê-lo”.

Um “brinquedo” caro que requer cuidados constantes, é a maneira como o pintor des-



Mestre José Oliveira a trabalhar no seu Atelier criativo

creve estas embarcações: “Há até quem diga: eu posso vender tudo; eu até posso vender a minha mulher, mas o meu barco nunca, é muito tempo investido, muito dinheiro e muito amor, sobretudo para quem é destas terras nobres.”

Assegura, todavia, que é gratificante poder ver o barco concluído na água, acompanhado sempre de risos e variadas reações às suas obras: “Acho que um povo sem história é um povo sem futuro. Temos que preservar muito aquilo que é nosso, para que as coisas continuem a existir e a manter a verdadeira e inicial tradição” ressalta o artista, que se revela confiante relativamente à candidatura dos moliceiros a Património Material da UNESCO.

Conhecer José Oliveira trouxe-nos mais do que a história de vida de um artista plástico, trouxe-nos uma viagem aos primórdios desta já tão longínqua tradição e da forma bonita como ela nos é pintada nas palavras de José. É certo que não assistimos a uma das famosas regatas, mas navegamos de tal forma nas suas descrições que foi fácil sentir como se lá tivéssemos estado em carne e osso. Não conseguimos ver o futuro dos moliceiros com a mesma clareza com que José o assume, mas parece-nos certo de que enquanto o José estiver capaz, continuaremos a ver esta arte a desfilarem sobre estas águas.



A ARTE QUE MODELA GERAÇÕES

TEXTO, FOTOS E VÍDEO **Ana Candeias, Maria Lerenó**

É em Esgueira, na Quinta do Simão, uma placa discreta sinaliza a Olaria Felica. No entanto, todos sabem a que caminho dará. É nesta casa de cerâmica, cinquentenária, que Fernando Lima de Carvalho. Natural de Oliveira de Azeméis, reside em Aveiro há 66 anos. Um dos últimos ceramistas em atividade na região.

Ao entrar na olaria, não entramos apenas numa oficina de cerâmica, mas sim, numa casa de arte. Um espaço grande, mas aconchegante e atafalhado de obras artísticas. São prateleiras cheias com peças de barro, azulejos e pinturas que o envolvem. Apesar de não parecer caber nem mais um pequeno azulejo, o artesão arranja sempre espaço para as suas obras.

Antes de se dedicar à olaria por mais de 50 anos, o ceramista passou por distintos ofícios: “Eu já fiz tudo na vida, tive 1001 profissões e mais algumas”. Começando com 8 anos na cestaria, passou por sapateiro, carpinteiro, pedreiro, fogueiro, serralheiro e diplomado em mecânica. O verdadeiro homem dos 7 ofícios.

A Olaria Felica nasceu já há meio século, “pelas ideias de um maluco, que se lembrou de ganhar dinheiro e que começou a fazer qualquer coisa, apanhando aquilo que estava à mão, que era o barro”, confessou o artesão. No entanto, depois de tantas profissões, é o que permanece na sua vida: “Há 50 anos por necessidade, agora é paixão”.

O oleiro conta com a sua filha, Cidália Carvalho, que lhe segue os passos para continuar o seu legado



Fernando Lima de Carvalho a pintar azulejos



Cidália de Carvalho na produção de peça cerâmica

“**Aqui entra barro e sai mercadoria para todo o mundo.**”

na olaria. Juntos, produzem uma grande variedade de peças cerâmicas, desde louça utilitária e decorativa, até à produção, replicação e restauração de azulejos. Como Fernando diz: “Aqui entra barro e sai mercadoria para todo o mundo”.

Uma das mais conceituadas da região, a Felica é também uma escola para aqueles que querem aprender a arte. Há cursos de formação. Conhecidos pelo grande talento artesanal que partilham com o mundo, toda a gente vai parar à Olaria Felica. “As pessoas, vindo à procura de cerâmica artesanal, dão comigo”, diz Fernando com uma pinta de orgulho. “São obrigadas a dar porque não encontram outro”, ri-se o artesão.

Apesar de, nos dias que correm, existir a sensação de que o artesanato tem caído no esquecimento, sobretudo graças ao mundo da indústria, Fernando Carvalho não deixa esquecer a importância do artesanato, relembro que “a indústria veio do artesão, o artesão foi o pai da indústria, foi aquele que ensinou”. O oleiro demonstra a importância, com um exemplo muito simples, quando é necessário a restauração de azulejos antigos: “Não é a indústria que o faz, eles vêm ter connosco, explica: “É o artesão que o tem de fazer”.

Por mais evolução que haja, o artesanato mantém-se firme e não morre. “Sobrevive para quem gosta dele”. O ceramista ironiza com o seu otimismo: “Quando eu morrer, vou trabalhar na mesma, porque quando morrer já prometi fazer tijolo.”



Ninho de Sal, alojamento com vidro panorâmico no interior

DAS OSTRAS AO ALOJAMENTO INOVADOR



TEXTO **Alexandre Lopes** FOTOS E VÍDEO **Beatriz Santos, Matias Teixeira**

Na chegada ao cais sente-se o cheiro da Ria, que nos transporta para um ambiente calmo e acolhedor. A seguir, somos recebidos pelo barco da Ostraveiro, que nos leva até à ilha, onde sentimos imediatamente a tranquilidade de estar num local fora da cidade. Num cenário onde as águas se encontram com o requinte da hospitalidade, exploramos um local com uma estadia e gastronomia única, onde as ostras são o elemento de destaque.

A empresa foi criada há 5 anos e recentemente adquirida por novos proprietários, que remodelam e dão uma nova vida ao espaço. Torná-lo mais agradável e de fácil acesso é uma das prioridades, pois, segundo Cristina Francisco, gerente e proprietária da Ostraveiro, “este espaço não estava preparado para ter atendimento à noite, nem para o inverno”. O barco que traz os clientes desde o ponto de embarque até à Ostraveiro também sofreu alterações. Foi colocado um coberto para proteger os visitantes da chuva e do frio.

A gastronomia baseia-se nos mariscos, sendo a ostra a especialidade da casa. Ostraveiro possui uma maternidade, onde elas chegam ainda bebés, do tamanho de uma cabeça de alfinete. Depois são inseridas em baldes, são tratadas e vão crescendo. Quando chegam ao tamanho ideal, são depositadas em sacos de rede e, posteriormente, em tanques do



Ostra à saída da maternidade

“**O facto de estar numa ilha, mas ao mesmo tempo na cidade, traz a privacidade necessária que muitas pessoas procuram.**”

local. Lá, são constantemente viradas até atingirem a idade adulta, e chegam às mesas dos clientes. Ao questionar a qualidade das ostras, Cristina Francisco garante que “estas ostras são boas, são qualificadas e vão ao laboratório com regularidade para serem analisadas. É um produto que pode ser consumido durante todo o ano”.

O alojamento no Ostraveiro consiste em novos conceitos de hospedagem. Os barcos totalmente ecológicos, ancorados na marinha, proporcionam uma oportunidade de dormir sob as estrelas e de permanecer na ilha. A canoagem e o paddle são algumas das atividades possíveis de praticar.

O “Ninho de Sal” deixa qualquer visitante encantado. O

vidro panorâmico no chão sobre a Ria permite que qualquer pessoa aprecie as fantásticas vistas. Este novo alojamento, pelo seu recanto, privacidade e ilusão à história da região, faz da estadia uma experiência única e memorável. Durante a visita, Cristina conta que “o facto de estar na água, de estar numa ilha, mas, ao mesmo tempo, na cidade, traz a privacidade necessária que muitas pessoas procuram, e, isso, faz com que estes novos conceitos de hospedagem se destaquem”.

Para o futuro, existe um projeto muito grande em mente. A aquisição de mais ilhas à volta, com cerca de 60 hectares, faz parte deste projeto definido pelos proprietários, que não se quiseram alongar muito sobre o assunto.

POLITÉCNICO DA MAIA

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO | 808 203 710 | ipmaia.pt | ipmaiaoficial | info@ipmaia.pt

LICENCIATURAS

- > Contabilidade
- > Desenvolvimento de Jogos Digitais
- > Negócios e Comércio Internacional
- > Produção Digital em Comunicação de Marca
- > Tecnologias de Informação, Web e Multimédia

CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS - CTESP

- > Condução de Obra e Reabilitação
- > Contabilidade e Gestão
- > Design e Inovação Industrial
- > Gestão Administrativa de Recursos Humanos
- > Gestão Comercial e Vendas
- > Gestão Industrial
- > Manutenção Industrial
- > Marketing Digital
- > Produção Multimédia e Jogos Digitais
- > Redes e Sistemas Informáticos

> Tecnologias e Programação de Sistemas de Informação





RIBAU ESTEVES “O AMBIENTE É UM PILAR FUNDAMENTAL DA NOSSA GOVERNAÇÃO”

TEXTO **Maria Martins** FOTOS **Beatriz Santos, Matias Teixeira**

O Presidente da Câmara Municipal de Aveiro está a cumprir o seu 3º mandato e tem feito da proteção ambiental um dos eixos centrais da sua gestão. José Ribau Esteves ocupa o cargo de edil desde 2013, depois de ter cumprido três mandatos na liderança de Ílhavo.

Como refere Ribau Esteves nesta entrevista, concedida via e-mail, a Câmara de Aveiro é “a única a implementar o orçamento participativo com ação direta” (no valor de 150.000 €). Além deste setor, de que se orgulha, o tema da capital da cultura ganha relevo na entrevista.

Quais são as três principais medidas tomadas para promover o desenvolvimento económico-social em Aveiro?

Só esta questão servia seguramente para uma grande entrevista. O raio de ação da Câmara Municipal de Aveiro (CMA) é vasto, mas gostaria de focar a minha atenção em quatro áreas fundamentais da nossa governação: educação, cultura, ambiente e tecnologia. E a junção destas quatro áreas que nos permite levar a cabo uma enorme de requalificação de todo o Parque Escolar Municipal da rede de Jardins de Infância e de 1.º Ciclo, que nos permite, avançar com projetos de cativação e atração de talento, fundamental para a fixação de empresários, empresas e para a criação de emprego, bem como para a requalificação do espaço urbano e o investimento público em obras tão relevantes como são as requalificações do largo do Rossio e da Avenida Dr. Lourenço Peixinho ou a aquisição do novo Ferryboat Elétrico, o primeiro da Península Ibérica. A tudo isto junta-se a Cultura, bem referenciada que está este ano pelo facto de sermos a primeira Capital Portuguesa da Cultura e por todo este trabalho que nos permite acolher, a cada ano, mais visitantes e turistas.

Existem iniciativas específicas para envolver a comunidade na tomada de decisões sobre a cidade?

Sim. Recordo que Aveiro tem um processo pioneiro no país, fomos a primeira Câmara Municipal e até ao momento a única a implementar o Orçamento Participativo com Ação Direta (OPAD). “Queremos que uma parte do projeto tenha a mão, cabeça e dinheiro de quem teve a ideia. Queremos garantir a ação direta, da ideia até ao fim da execução. É



“Aveiro tem um processo pioneiro no país”

uma iniciativa da CMA, que entrega aos cidadãos a oportunidade de liderar, diretamente, a execução de uma iniciativa de valor acrescentado para a comunidade, disponibilizando um montante total de 150.000€ para apoiar financeiramente até 80% dos custos totais dos projetos que tiverem maior número de votos. O remanescente será responsabilidade do proponente, podendo ser realizado através de apoio financeiro e/ou de géneros de valor quantificado (formações, horas de trabalho, equipamento, entre outros).

Que iniciativas concretas têm sido promovidas em favor das energias renováveis e da preservação de áreas verdes?

O ambiente é um pilar fundamental da nossa governação. Gostaria de destacar o novo Ferryboat 100% Elétrico “Salicornia” que começará a operar brevemente na Ria de Aveiro. Com este novo Ferryboat estamos a retirar da atmosfera cerca de 300 toneladas de CO2/ano. Um valor muito significativo. Mas temos outros projetos, como a alteração dos motores a combustão para motores elétricos, nos Barcos Moliceiros, que vai permitir eliminar mais 400 toneladas de CO2/ano, a que acres-

centralidade e que tem um potencial agregador imenso de novas dinâmicas.

A obra do Rossio, além dos espaços públicos de circulação de elevada qualidade e beleza que têm vindo a ser progressivamente disponibilizados, para circulação pedonal e ciclável (nova ciclovia), já tem prontas várias estruturas da maior importância:

1. As renovadas “Pontes” com a sua estrutura reforçada, muito mais área de circulação pedonal e com locais de estar;
2. Uma nova Estação Elevatória (EE) de águas residuais, localizada no edifício da cave, com desativação e remoção da velha EE junto às “Pontes”;
3. Posteriormente vamos lançar concursos e executar as obras de requalificação das restantes duas zonas do Bairro da Beira-Mar, concretizando a sua qualificação total, com os pressupostos que utilizámos para requalificar o Rossio, ou a Rua do Carmo e a Rua do Gravito, por exemplo.

Quais são as marcas que, do seu ponto de vista, vão ficar na capital portuguesa da cultura?

Gostaria que daqui resultasse, em primeiro lugar, um crescimento da capacidade de produzir cultura e de envolver os cidadãos do município e da região no consumo cultural. Depois, darmos a conhecer Aveiro a cidadãos portugueses e do resto do Mundo. Aveiro nunca teve esta oportunidade, e poderá não vir a ter nas próximas décadas, de se dar a conhecer.

Existem algumas associações sem sede/locais para desenvolverem os seus projetos culturais. Que tipo de apoio a Câmara tem dado, ou pode vir a dar, a estas entidades associativas?

Neste momento a CMA disponibiliza vários edifícios municipais para a atividade permanente de várias Associações do Município. Temos aliás oito Escolas, que estão desativadas, e que vão ser entregues à utilização de Associações. Por outro lado, como sabe, a CMA disponibiliza os seus espaços municipais para



atuções e ações pontuais dos diversos grupos associativos do Município, sem qualquer custo associado, procurando por esta via promover também o trabalho, de grande relevo para a vida comunitária, que tem a ação das nossas Associações.

Considerando que Aveiro acolheu três congressos da Oposição Democrática durante a ditadura, há

“**Gestão autárquica destaca-se na Cultura e Participação cidadã.**”

alguma evocação especial marcada para a capital da cultura, uma vez que em 2024 se comemoram os 50 anos do “25 de Abril”?

Seguramente que sim, mas deixaremos a divulgação desse momento para a altura em que apresentarmos a agenda do 2.º trimestre de Aveiro 2024 - Capital Portuguesa da Cultura, que vai acontecer nos últimos dias de fevereiro.

Neste âmbito, está prevista alguma homenagem ao cantor e compositor José Afonso, natural de Aveiro?

Seguramente que sim, mas deixaremos a divulgação desse momento para a altura em que apresentarmos a agenda dedicada ao trimestre de Aveiro 2024 - Capital Portuguesa da Cultura, em que vamos homenagear o cantor e compositor José Afonso.



Aveiro: oportunidade única para um cenário infinito



Bastidores do teatro

PALCO COM INOVAÇÃO E ARTE



TEXTO **Carolina Salazar, Maria Serôdio** FOTOS **Joana Martins**

Fundado há 45 anos, sob orientação do ex-embaixador da UNESCO, António Sampaio da Nóvoa, o GrETUA tornou-se o farol cultural de Aveiro.

Situado nas traseiras do Estabelecimento Prisional, o Grupo Experimental de Teatro Universitário de Aveiro é um elo entre a cidade e a cultura. Espaço simples, aqui liberta-se a criatividade e inova-se. Há concertos, teatro, dança e muito mais.

O Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro, mais conhecido como GrETUA, foi criado em 1979, quando António Sampaio da Nóvoa dava aulas de expressão dramática no Magistério Primário de Aveiro. Atualmente, o GrETUA não só encena espetáculos de teatro e música, como desempenha um papel vital na comunidade, através de iniciativas sociais e projetos de inovação pedagógica.

Até 2017, o grupo focava-se apenas no teatro. Alargou horizontes e colabora ativamente com a Câmara Municipal em projetos sociais, como o voluntariado em hospitais.

riado em hospitais.

Bruno dos Reis, diretor artístico, revela-nos que “70% dos jovens que estão a organizar os espetáculos do Festival dos Canais pertenceram ao GrETUA.” Participar no grupo é uma oportunidade inestimável para ganhar experiência nas áreas de produção, imagem, comunicação e interpretação.

O ator e formador do teatro, João Tarrafa, sublinha que “o GrETUA pode oferecer algo que as pessoas possam ver, conhecer, através da qualidade dos espetáculos”. O teatro tem um estigma associado ao facto de “pensarem que é uma seca”. Mas o GrETUA já conseguiu mudar esse tipo de mentalidade. “As pessoas que vieram ver as coisas, conseguem identificar-se com aquilo que estão a ver.”

Durante a pandemia da Covid-19, o GrETUA lançou vários projetos atrativos e adaptados à



Bruno dos Reis, diretor artístico do grupo experimental



João Tarrafa, ator e formador do GrETUA

distância. Operou-se uma mudança significativa. “Foi miraculoso o que aconteceu”, diz Tarrafa. “Não por minha causa, foi o núcleo do GrETUA, porque nós fazíamos tudo muito presencial e, de repente, isso deixou de ser possível e estabeleceu-se logo outro tipo de iniciativas.”

Na altura, foram o primeiro grupo a ajudar os habitantes carenciados na região, distribuindo

bens de primeira necessidade e medicamentos. Além disso, explica Bruno dos Reis, “recolhemos cerca de 140 computadores em segunda mão, tivemos de formatá-los para entregar a miúdos que precisavam de estudar à distância e não tinham como”.

A evolução do grupo tem permitido maior autonomia. Teresa Van-Zeller, a gestora financeira destaca: “termos passado para uma forma autónoma já é demasiado bom; e agora é continuar a seguir em frente”.

Com Teresa, João e Bruno o futuro do grupo promete continuar a inspirar e a contribuir para a riqueza cultural da cidade. A arte, o teatro e a cultura são pilares essenciais para o desenvolvimento do ser humano no quotidiano. Para Bruno dos Reis, “o teatro é um lugar de pensamento, um lugar de discussão”. Por isso, “há muita gente que vem ao teatro sentir o que não pode sentir em casa.”



DA SOLIDÃO AO AMOR



TEXTO **Bernardo Moreira** FOTOS E VÍDEO **Isaac Silva, Vivian Santos**

Situado no Eixo, o Lugar dos Afetos aposta no turismo inclusivo para promover a educação emocional e o autoconhecimento para todas as idades.

Na vila do Eixo, camuflado pela tranquilidade e os espaços verdes, encontra-se um lugar que nos permite viajar pelos caminhos mais profundos dos nossos corações. Viajar por este mundo é uma descoberta única que nos liberta da nossa solidão interior.

Um mundo dedicado à promoção da afetividade sem preconceitos. Este é o Lugar dos Afetos, um local capaz de transformar uma terra solitária em terra de amor.

Fundado em 2008, o Lugar dos Afetos é um parque temático de promoção de bem-estar emocional para todas as idades, que dá relevo à expressividade e comunicação afetiva através de diversos programas educacionais.

A “viagem” pelo “Caminho dos Afetos”, é um dos programas educativos envolventes, com visitas guiadas pelos jardins e monumentos simbólicos, todos com representatividade no que remete para a interação social e competências emocionais. Com o seu nível de educação mais informal, o local é reconhecido pelo seu turismo inclusivo devido à capacidade de acolhimento de crianças com necessidades educativas especiais.

A Fundação Graça Gonçalves, uma instituição que tutela o Lugar dos Afetos, possui membros que se especializam na área da pedagogia e da psicologia, que disponibilizam terapias de desenvolvimento pessoal.

Além disso, a Doutora Graça Gonçalves, escreveu obras literárias infantis e criou jogos educativos que visam integrar a afetividade e o convívio. De acordo com a Presidente do Conselho Administrativo, Rosário Castro, “o trabalho que se faz em termos de educação emocional é fora do normal, nós temos aqui grupos de idosos de 50 pessoas todos a interagir, é incrível”.

O Lugar dos Afetos é composto por seis casas principais. A Casa da Família, que simboliza a importância familiar. A Casa Azul, dedicada à maternidade. O Cantinho dos Namorados e a Casinha da História de Amor, que simbolizam a procura pelo verdadeiro romance e a relevância do compromisso amoroso. Por fim, existe a Casa da Esperança, onde os mesmos oferecem terapias, e o Abrigo da Amizade, onde os mesmos estudam e auxiliam na prevenção de casos de “bullying”. Rosário Castro garante que é difícil lidar com estes casos, especialmente em crianças: “Trabalhamos com os mais pequeninos para eles serem capazes de elogiar a criança do lado, que é difícil. Já na pré-adolescência se vê que eles estão sempre a criticar os colegas, por isso trabalhamos na prevenção do bullying”.

A “Doutora dos Afetos”, Graça Gonçalves, abandonou a medicina para realizar o seu projeto de vida. Rosário Castro revelou que a fundadora também teve uma infância difícil: “Graça Gonçalves sempre se preocupou com o bem-estar dos outros. Esta preocupação devia-se à infância difícil que teve e isso contribuiu para que pudesse ajudar os outros. Ela transformou a mágoa em terra de amor”.



Casa do Romance



Casa da Maternidade do Lugar dos Afetos

“**O nosso mote é tratar cada um como especial e único independentemente das características específicas que têm.**”

Apesar do seu falecimento em 2017, Graça Gonçalves abandonou um legado que exige preservação e que, segundo ela, “viajar até ao Lugar dos Afetos é fruir de um turismo muito especial, único para qualquer idade, em qualquer fase da vida. Um turismo por dentro à descoberta não só do que somos, mas também da maneira como podemos ir descobrindo um caminho para o coração de nós próprios e dos outros”



NAVIGATOR, 70 ANOS DA FLORESTA À DESCARBONIZAÇÃO

TEXTO **Daniela Viana, Lara Silva** FOTOS E VÍDEO **Diana Gonçalves**

A fábrica de papel de Cacia constitui um dos principais ativos de Aveiro. Fez 70 anos em 2023 e pertence ao grupo Navigator, um dos mais relevantes exportadores portugueses. O Ágora falou com António Oliveira, diretor da fábrica de Cacia, que destacou dois desafios: melhorar a floresta e descarbonizar.

Sabemos que a Fábrica de Papel em Cacia tem uma história de 70 anos. De que forma foi evoluindo até aos dias de hoje?

A fábrica original entrou em serviço em 1953. Desde aí, pouco resta. Estas fábricas são quase como organismos vivos, uns equipamentos vão sendo descontinuados, outros vão ficando, mas sempre em processo de evolução. Na sequência do encerramento de algumas instalações, em 2017 éramos exclusivamente produtores de pasta de papel. Mas aí, avançamos para um outro projeto, uma nova fábrica de papel. Uma fábrica de papel "tissue", utilizado nos rolos de papel higiénico e nos rolos de cozinha. Esta fábrica vem acrescentar uma capacidade adicional à nova linha de negócio da Navigator. O caminho de diversificação é inevitável. O papel tem vindo a decrescer no seu consumo. Nós, por enquanto, temos o nosso negócio a correr dentro daquilo que consideramos regular, mas estamos sempre a preparar-nos para o futuro.

Disse que o mercado do papel está em decréscimo. A redução do uso do plástico teria implicações na produção?

Tem sim mas são linhas diferentes. O papel de impressão escrita não substitui o plástico. Já a celulose moldada e todo o papel que possamos produzir para embalagem ou cartão, tem sim potencial para substituir o plástico. Nós também estamos no mercado do papel para embalagem, o chamado "packaging", com a marca G-KRAFT. Aquilo que vamos fazer na celulose moldada são embalagens para comida pré-preparada, copos, etc, para substituir o plástico.

De que forma é que a limitação da matéria-prima

tem prejudicado a produção da Fábrica de Cacia?

Esse é talvez o maior desafio desta indústria. Primeiro, temos uma legislação bastante restritiva, o eucalipto tem má fama, mas é um mito. De facto, há incêndios que afetam áreas de eucalipto, mas a área de eucalipto quando bem explorada e bem gerida, é das que arde menos. Por isso, associar o eucalipto a incêndios é demagogia. Associada a essa demagogia, em termos políticos, foi se restringindo o acesso à terra. Em cima disso, também temos tido alguns incêndios que, no fundo, alteram a capacidade de produção nacional. Temos, para já, suprido essa necessidade com uma incorporação significativa de madeira importada.

De que forma Portugal poderia contribuir para o aumento da matéria-prima?

Bastava utilizar áreas que não estão plantadas, seria o suficiente. Também temos de trabalhar naquilo que é a produtividade e boa gestão da floresta. A floresta não é a minha especialidade, a minha vida é industrial, mas temos de evoluir na sua gestão, na escolha das melhores espécies, sempre dentro do eucalyptus globulus, a chamada melhoria genética, que permite ter árvores mais resistentes, produtivas e aptas a determinadas zonas. Somos um país pequeno, mas com grandes diferenças no solo e no clima. O segredo está em escolher a espécie mais adaptada às condições para que, na mesma área de terreno, tenhamos geração de maior quantidade de matéria-prima.

A Navigator assinou, recentemente, um contrato com o Banco Europeu de Investimento para a aceleração da descarbonização. Como irá



António Oliveira: Estamos sempre a preparar-nos para o futuro



Pormenores da evocação do 70º aniversário

ser feito esse processo?

Nós ainda utilizamos combustíveis fósseis, fuel-oil e gás natural, para a produção de energia e suporte no arranque das instalações. Algum deste consumo vai continuar a existir, vai ser marginal, mas vai existir, porque as instalações têm irregularidades de funcionamento, param e é preciso voltar a colocar a funcionar. Agora aquilo que é a produção de energia, de forma constante, a partir de combustíveis fósseis, vamos eliminar, substituindo por biomassa, essencialmente. Dito de forma genérica, o caminho vai ser substituir os combustíveis fósseis por produtos derivados de madeira, sejam eles biomassa residual, casca, pellets, etc.

Em que medida é que o contrato com o BEI

contribuirá para uma maior eficiência energética?

Não sei os detalhes. Admito que este contrato com o BEI tenha metas associadas à descarbonização, neste caso. Normalmente estes empréstimos verdes têm taxas mais favoráveis, mas também a empresa compromete-se com uma série de metas, sejam elas descarbonização, ou outras ambientais. O prémio que temos, através de uma taxa de juro certamente inferior a outras condições de mercado, será devolvido à sociedade a partir do nosso empenho na melhoria do impacto ambiental.

De que maneira é que o investimento de 136 milhões de euros irá reduzir as emissões diretas de dióxido de carbono fóssil?

Eu não consigo detalhar o que está incluído nesses 136 milhões. Certamente que inclui a conversão dos fornos da Cal, passando da queima de combustíveis fósseis para a queima de biomassa e/ou pellets. Todo esse investimento é de facto para diminuir as emissões de CO2.

A Navigator Company representa 1% do produto interno bruto nacional, cerca de 3% das exportações nacionais de bens, e mais de 30 mil empregos diretos, indiretos e induzidos em todo o país. Como avalia este impacto na economia portuguesa?

É um motivo de orgulho. Somos a empresa com maior valor acrescentado porque utilizamos produtos gerados na floresta e incorporamos valor para a produção de pasta e de papel. Um papel tão significativo é uma grande responsabilidade porque sabemos o impacto que temos nas regiões onde intervimos (basi-



Panorama geral do Complexo Industrial de Cacia

camente em todo o país), pelo menos a nível florestal. Já temos quatro grandes núcleos industriais no país e um Espanha. Além dos empregos diretos e indiretos, do valor agregado para a economia, é uma responsabilidade porque este negócio é sustentável e queremos melhorar os números.

A digitalização geral da sociedade tem implicações diretas nos níveis e na estratégia da empresa?

Certamente que sim. Por um lado, é uma condicionante ao uso dos nossos produtos, quanto maior for a digitalização dos processos, menor a necessidade do papel; mas, por outro lado, é uma oportunidade a todos os níveis, nos processos e na otimização das instalações. Temos muitos exemplos de como essa digitalização pode contribuir para um desempenho industrial eficiente.

Um dos eixos do desenvolvimento de

Aveiro passa pela proteção ambiental. Em que medida é que a Fábrica de Cacia contribui para este desígnio?

De facto, tem impacto ambiental. Comecei como engenheiro do ambiente, tenho essa sensibilidade. O impacto destas fábricas era significativo, desde o consumo de água, rejeição de efluentes, emissões gasosas, incluindo o cheiro... Ao longo dos anos, a tecnologia evoluiu e as fábricas foram-se adaptando, investindo fortemente para

diminuir consideravelmente o seu impacto ambiental. Continuamos a usar quantidades razoáveis de água, mas temos diminuído. Cumprimos as nossas obrigações legais, somos monitorados, quer nos efluentes líquidos, quer nos gasosos e temos uma atitude responsável perante todos os envolvidos. Temos também responsabilidades sociais para com os nossos vizinhos que tomo como uma obrigação minha, enquanto diretor fabril, e da organização como um todo.





EDUCITY: UM PROJETO FORA DA CAIXA

TEXTO **Daniela Viana**
FOTO E VÍDEO **Diana Gonçalves, Lara Silva**

A educação é a base deste projeto. A adaptação à realidade virtual promove a motivação de estudantes e professores.

Quem entra na sala 5.245, no Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro, não imagina o que esta ali guarda. Chega mesmo a surgir a questão: “Quem diria que a partir de um gabinete tão pequeno nascesse uma ideia tão brilhante?”. É assim que

definimos o projeto EduCITY. Brilhante, inovador, “fora da caixa”. É a partir da exploração de jogos educativos digitais em ambientes outdoor, combinados com conteúdos de realidade aumentada, que este projeto procura um efeito educativo exponencial que resulte na mudança de atitudes dos cidadãos. Foi criado a partir da Universidade de Aveiro e conta com o apoio humano e logístico da Unidade de Investigação principal, o CIDITFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores e da Câmara Municipal. Lúcia Pombo, coordenadora do projeto, afirma

que “sem o apoio da Câmara e da Universidade era impossível ter este impacto na cidade”.

Este projeto nasceu do Edu-PARK, desenvolvido pela mesma coordenação, fundado em 2016, o laboratório educativo é um espaço ajardinado, de grande valor estético, biológico, paisagístico e histórico - o Parque Infante D. Pedro. Foram precisos apenas 2 anos para que fosse reconhecido o seu valor com o prémio ECIU Team Award for Innovation in Teaching and Learning.

Por isso, houve a necessidade de alargar esse projeto, surgindo o EduCITY, que segue a mesma lógica da construção de jogos móveis educativos e de aprendizagem em contextos formais. “Com o EduCITY, o laboratório educativo não é apenas um parque, mas também a cidade, incluindo o Campus da Universidade”, confessa Lúcia Pombo.

No entanto, este não se trata apenas de uma extensão do Edu-PARK. A ideia deste projeto é de promover cidades sustentáveis, através da criação de um ambiente inteligente de aprendizagem, suportado por uma app, com jogos de localização baseados em desafios que integram recursos educativos em realidade aumentada.



Funcionamento da app «EduCITY» no mural

A inovação do EduCITY reside em aspetos como o uso do território como laboratório vivo experimental, levando a educação para o contexto real; a adaptação à tecnologia inteligente e de fácil acesso, com jogos em realidade aumentada; a interação da comunidade, para que todos possam contribuir para a co-construção da iniciativa, seguindo uma abordagem socio-constructivista; a ampla partilha de conhecimento entre a Universidade, as escolas e a sociedade; e, ainda, a aplicabilidade do projeto a qualquer cidade, visando um futuro digital, verde e saudável para todos.

Assim, surge a app “EduCITY”, disponível para Android e IOS, e a respetiva plataforma web de criação de jogos com a própria conce-

ção, pelos cidadãos, de jogos educativos criativos que integram esta aplicação “que está aberta e disponível para todos”, como nos conta Margarida Marques, co-coordenadora do projeto.

Esta iniciativa já conta também com a publicação do livro “Aveiro, cidade sustentável: EduCITY”, que se trata de “um enquadramento teórico de todo o projeto e é uma ferramenta muito interessante para descobrir a cidade de Aveiro, a aplicação e as suas potencialidades”, de acordo com o bolseiro de investigação, João Ferreira.



ASSOCIAÇÃO DE JOVENS PLANTA O FUTURO

TEXTO **Maria Simões, Sofia Miranda**

Rua estreita, âncoras na calçada. O comércio turístico é intenso. Rua dos Mercadores, porta n.º 3. Encontramos uma associação que transforma jovens em agentes de mudança. Num espaço reduzido onde se cultiva a transformação e se colhe um mundo melhor.

Agora Aveiro é uma associação juvenil, sem fins lucrativos, fundada em 2010. Atualmente conta com 18 voluntários. A palavra “Agora” faz alusão aos fóruns da Antiga Grécia, onde podem partilhar as suas ideias e projetos. Em contrapartida, “Agora” também remete para o presente e para a urgência de trabalhar na mudança. Já não é estranha a presença desta associação pela cidade. Aliás, desde a

estação de comboios até à Ria de Aveiro podemos observar diversos projetos produzidos por jovens que querem marcar a diferença.

Em conversa com um dos membros da associação, Helder Berenguer, explica como é feito o recrutamento: “Realizamos uma série de entrevistas para perceber qual é o potencial dessa pessoa para a associação. Tentamos encontrar um meio-termo para que nem os jovens, nem nós, acabemos desiludidos com a sua entrada.”

Agora Aveiro tem duas grandes áreas de intervenção como os projetos locais e internacionais. A nível internacional, estão incluídos o “Corpo Europeu de Solidariedade” e “Erasmus+”, com zero custos ou então muito reduzidos. A associa-



Hélder Berenguer, gestor de projetos

ção já abrigou 3 refugiados que são voluntários do projeto “Corpo Europeu de Solidariedade”.

Relativamente aos projetos locais, existem 4 áreas abordadas: o desenvolvimento sustentável, a cultura, a arte e criatividade e a intervenção urbana e inclusão e sensibilização social. Estas iniciativas englobam trabalhos com idosos, crianças, animais, projetos de rua e de arte. A sustentabilidade também é posta à prova nesta associação. Dois grandes projetos são o “Plantar o Futuro” e o “Clean Up

Aveiro”. O primeiro é realizado com a Universidade de Aveiro e a Câmara de Estarreja e conta com a doação por parte dos alunos, docentes e funcionários: “A associação conseguiu cerca de 900 participantes que plantaram uma árvore nativa”, afirma Hélder.

O mesmo explica que o “Clean Up Aveiro” é um projeto mais recente, realizado com escolas e empresas da região: “Recolhemos mais de 150.000 beatas que encheram uma estrutura gigante que criámos, de vidro, e que teve em exposição no Fórum durante

os meses de verão, para chamar a atenção das pessoas para aquele problema”.

A comunidade local tem acatado as iniciativas da associação. Os voluntários enchem as ruas de vermelho e ousam dar “free hugs”. Em dias especiais, como o de São Valentim, oferecem uma rosa em origami. Já espalharam também caixas que continham uma rosa e a missão era “Quebrar o vidro em caso de amor à primeira vista”. Estes projetos têm sempre ajuda de negócios locais que participam e ajudam a dar vida e cor à cidade.

A associação conta com o apoio do Instituto Português do Desporto e Juventude, mas também com a Câmara Municipal, através do programa de apoio a associações.

Agora Aveiro cria expectativas para o futuro. Hélder Berenguer almeja ter melhores condições: “Queríamos crescer e ter um sítio permanente onde as pessoas conseguissem nos visitar e conhecer os nossos projetos de fácil acesso”. A associação deseja expandir e desenvolver em outras áreas, alcançando novos agentes de mudança para um mundo melhor.



CORAÇÃO DE UMA REGIÃO: ENTRE CORES E HISTÓRIA

TEXTO **Vítor Monteiro** FOTOS E VÍDEO **Gonçalo Lourenço**

Muita cor, histórias num local que tresanda a tradicional. Um sítio que, apesar de tudo, continua a respeitar as suas gentes. A esperança que as remodelações não mudem a cara de um sítio que continua a tentar resistir à modernização.

Durante a nossa caminhada pelo meio do bairro mais característico de Aveiro, ficamos encantados com o que encontramos. O misto entre o tradicional e o turismo que vai assolando o nosso Portugal. Encontramos uma enorme tranquilidade, na confusão típica que as multidões causam. Beira-Mar é especial e tem uma atmosfera muito própria.

Ao caminhar pelas ruas estreitas e acolhedoras deste local histórico, podemos ver as fachadas tradicionais e bastante coloridas e azulejos portugueses que contam uma enorme história sobre o bairro. Uma das grandes referências da localidade são os moliceiros que se situam mesmo no centro e que nos permitem fazer um passeio pela cidade, verificando assim o esplendor arquitetónico.

Dentro de todas as características já faladas, há outras problemáticas que inevitavelmente vão surgindo, que têm sido comuns em muitos sítios tradicionalmente portugueses, tal como a modernização em excesso que faz com que os locais percam a sua génese.

Fernando Marques, atual presidente da junta de freguesia de Glória e Vera Cruz, e ex-morador do Bairro da Beira-Mar, numa conversa bem-disposta e repleta de histórias sobre a sua vida política, aborda esta mesma transformação de forma natural e aponta às diferenças geracionais: “Aqui é um bairro típico, não é uma zona nova, nem moderna. Sempre foi a zona dos pescadores e do sal, era gente sã. Agora a vida mudou, as pessoas são de outra geração, vão evoluindo e têm ou-



Cais dos moliceiros no bairro

tro comportamento”.

O autarca refere que “Aveiro é Beira-Mar” e que as características que distinguem o lugar tornavam-no importante para as atividades da cidade. A igreja de São Gonçalo, inserida na zona, é apontada pelo político como tendo um evento que é “Cartaz de Aveiro”.

Além disso, é conhecido por ter importância no comércio do peixe e do sal.

Em 2019 foi lançado o Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Aveiro (PEDUCA) por parte da Câmara Municipal. Uma das peças chave deste projeto seria a requalificação do Bairro da

Beira Mar. Está perspetivado um investimento avaliado em cerca de 3 Milhões de euros. O líder da autarquia, explica que “a renovação é muito importante no sentido de mudar o pavimento, melhorar as telecomunicações, pôr gás canalizado em algumas casas, saneamento e renovação de águas, pois

há um problema com ruturas de água.”

O presidente da Junta acrescentou ainda que “é de louvar a Câmara Municipal estar simplesmente a querer remodelar e não estar a descharacterizar o bairro.” Numa altura em que a gentrificação é tema central em terras portuguesas.



Fernando Marques, Presidente da freguesia de Glória e Vera Cruz



Arte de rua de Amália Rodrigues e Fernando Pessoa





III CONGRESSO, 1973

MOMENTO HISTÓRICO PARA A 'OPOSIÇÃO'

TEXTO **Bernardo Moreira** FOTOS E VÍDEO **Isaac Silva, Vivian Santos**

Há 50 anos, após uma luta constante pela liberdade de expressão, Portugal libertou-se das correntes da tirania. O advogado Neto Brandão recorda o III Congresso da Oposição democrática, na qualidade de antigo membro da comissão organizadora, e único sobrevivente da mesma.



Neto Brandão
durante a
entrevista ao **Ágora**

Manuel António Neto Brandão, advogado e secretário da Comissão executiva do Terceiro Congresso de Oposição Democrática, falou em exclusivo ao **Ágora** sobre os contributos do congresso no combate ao regime e o estado atual da justiça.

O que é que o levou a licenciar-se em direito e a seguir o ramo da advocacia?

Nunca na vida me passou pela cabeça ser outra coisa, a não ser advogado. Desde a escola primária, sempre tive uma espécie de pensamento do defensor dos fracos, oprimidos e tal. Digamos que isso é uma frase romântica, mas a ideia de seguir direito, é que nunca me passou pela cabeça ser procurador ou juiz. Por natureza, acho essencial,



Neto Brandão sobre a justiça: "A autonomia concedida pelo 25 de Abril foi pervertida"



mas bulia com a minha maneira de ser. Embora reconheça as dificuldades de qualquer uma dessas funções. Digamos que ao nível de jovem, militante da oposição, não me passava pela cabeça que podia ser juiz, porque a PIDE não me deixaria

Como opositor ao regime ditatorial, o que nos pode dizer relativamente à sua participação no Terceiro Congresso da Oposição Democrática antes do 25 de Abril?

A minha participação no terceiro congresso surge numa fase em que eu já era profissional na advocacia. Já tinha participado na campanha eleitoral de 1969 na oposição, mas não como candidato. Em Aveiro criou-se um núcleo de democratas, que beneficiou de certas circunstâncias locais, que mantinham uma tradição de oposição ao regime, e que tinha tomado a iniciativa de promover congressos de oposição demo-



Placa comemorativa descerrada pelo presidente Jorge Sampaio em 1998

crática, na altura chamados de congressos dos republicanos, porque o regime proibiu a designação do congresso democrático. Quem esteve na base desses congressos foi o Dr. Mário Sacramento. Era uma figura prestigiadíssima, era médico, escritor e um militante antifascista de primeira ordem que promoveu a realização de um primeiro congresso republicano em 1957, e a realização de um segundo congresso em 1969. O terceiro congresso surge já na fase marcelista em 1973. Foi constituído por nove elementos, o primeiro à partida foi o Cláudio Neves, por sua idade, e experiência política, competência e inteligência. E depois temos o Dr. Flávio Sardo, Dr. Carlos Candal, Dr. Joaquim da Silveira, Dr. Manuel Andrade, António Real, Mário Vasco Rodrigues, era o mais novo, e eu próprio. Promovi os meus passos, e abrimos a participação aos democratas do país que se quisessem inscrever. Foi um movimento bastante rico, foi associada uma comissão geral constituída por mais dois elementos por cada distrito, e que participavam nas reuniões para fazer o regulamento. Mas, do ponto de vista ideológico, o congresso foi uma promoção a favor do fim da guerra colonial. Foi a maior provocação feita ao regime, porque a guerra colonial era uma guerra santa. E se nós admitíssemos que éramos contra a guerra, era o fim.

Como é que avalia o impacto que o congresso teve nas dinâmicas políticas e sociais?

O congresso nesse aspeto ultrapassou todas as expectativas, acabou por transformar-se numa espécie de movimento político ao ní-



Este edifício acolheu, de 4 a 8 de Abril de 1973, o III Congresso da Oposição Democrática

vel nacional. E atingiu uma admissão que nem nós esperávamos, e muito menos o governo. E no princípio, quando era tudo facilidades, os obstáculos começaram a surgir, à

medida que o governo começou a perceber da dimensão que estava a atingir, e sobretudo, ao abrir a tal autorização do congresso e da inclusão dos representantes do país na

comissão executiva. Mas o grande impacto posterior do congresso, internamente foi a difusão das ideias, teses, digamos uma consciencialização durante os três dias. E isto para nós foi um sucesso. Foi essa unidade que nasceu ali no congresso, o conhecimento interpessoal, tudo o que era intelectual, e gente da política e das mais variadas áreas do conhecimento, trouxeram os seus contributos, e muito desses princípios acabaram por influenciar o problema do movimento das forças armadas. Foi um momento histórico para a oposição democrática.

Como é que compara a justiça daquela época com a justiça atual?

Ou não melhoramos nada ou regredimos. É certo que o sistema acabou com os crimes políticos, e um crime político não era um crime de subordinação, era proibido. Esse sistema de repressão que faz com que as pessoas tenham medo de exprimir, nesse aspeto as liberdades desde o 25 de Abril resolveram. Refiro-me ao funcionamento da própria justiça, a lentidão da justiça é maior, é certo que o número de crimes aumentou, hoje estamos perante uma situação em que a autonomia concedida pelo 25 de Abril foi pervertida de forma que aparentemente, o Ministério Público apareça quase que a trabalhar em roda livre, sem controle democrático de ninguém nem da própria procuradoria em geral, o que leva a situações caricatas. É extremamente necessária uma reforma que garanta a liberdade, e os direitos fundamentais dos cidadãos, e que tenha como resultado a aplicação da justiça. É por isso que o ministério existe.

UNIVERSIDADE DA MAIA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

808 202 214 | umaiia.pt | umaiiaoficial | info@umaiia.pt

LICENCIATURAS

- > Arte Multimédia
- > Ciências da Comunicação
- > Informática

- > Relações Públicas e Gestão da Comunicação
- > Tecnologias de Comunicação Multimédia

MESTRADOS

- > Cinema e Cultura Digital
- > Informática (Curso a distância)
- > Jornalismo em Ambientes Multiplataforma
- > Tecnologias da Informação, Comunicação e Multimédia

FUTEBOL À PROCURA DE UM INVESTIDOR À “BEIRA-MAR”

TEXTO, FOTOS E ÁUDIO **Gonçalo Pereira, Rafael Coelho**

Diogo Catraio, Presidente-Adjunto do Beira-Mar, confessa que é muito difícil sobreviver no futebol português e revela abordagem de alguns investidores para o clube.



Diogo Catraio: A formação traça o futuro

O Beira-Mar está em fase de reestruturação. Como consegue o clube sobreviver no futebol português?

Tem sido difícil nos últimos anos, desde que a SAD foi declarada insolvente e que o clube voltou a nascer. Tem-se sobrevivido à base das parcerias, de patrocinadores privados e através do grande parceiro que é a CM Aveiro. Num futuro próximo estamos preparados para dar um passo com alguém da área do futebol, com a criação de uma SAD ou de uma SDUQ, certamente, não irá demorar muito mais tempo porque é necessário para conseguirmos crescer no futebol. Felizmente, com muito esforço, conseguimos cumprir com os ordenados dos funcionários do clube, recursos humanos e atletas.

O perfil e passado do investidor também é importante na hora de

decidir se a proposta é aceite ou não?

Claro que sim. Por exemplo, o investidor inglês do Aston Villa, que adquiriu recentemente parte do Vitória SC, foi um dos que o Jorge Mendes abordou; o investidor do Leça FC, antes de investir lá, veio falar connosco, mas não aceitamos porque o projeto dele era muito à base de “chego aqui e quase que estou a jogar Football Manager”. Nós estamos com intermediação do Jorge Mendes para a procura de um investidor e acho que estamos bem entregues. Procuramos alguém sério e com um projeto alicante.

Nesta luta pela sobrevivência, a aposta na formação é importante para o Beira-Mar?

Claro que sim, desde 2021, temos um complexo desportivo para o futebol que nos dá condições de ter toda a formação junta, com relvados sintéticos e naturais, ginásio

e fisioterapia. É claro que é difícil um projeto de formação em dois, três anos conseguir aparecer e ter sucesso, mas acreditamos que com o novo complexo e com as pessoas que estão à frente da formação estamos a traçar um bom futuro.

Qual a importância dos beiramarenses para a superação das dificuldades que o clube tem vivido?

Um clube acaba por ser sempre aquilo que os sócios e os adeptos quiserem que seja, porque são eles que votam e são eles que decidem. Cabe a todos nós que gostamos do Beira-Mar contribuir, ir aos jogos, seja qual for a modalidade, para fazer o clube cada vez melhor.

Como adepto e ex-jogador de futebol, sente que o Estádio Municipal de Aveiro está mal aproveitado?

Sinto que a grande parte dos clubes que acabam por ter estádios destas dimensões saem um pouco prejudicados. Por exemplo, recorde-me quando joguei a final da taça distrital de Aveiro pelo Beira-Mar, naquele estádio, contra o Águeda, estavam cerca de 10 mil pessoas e enquanto jogador não se sentia, enquanto que em estádios mais pequenos, se tivermos 4 mil pessoas, o ambiente do jogo acaba por ser mais caloroso. Neste momento, temos que ter consciência das condições que temos e acaba por ser muito difícil reverter essa situação, tentando trazer cada vez mais adeptos ao estádio.



BASQUETEBOL UM OLHAR DE “ESGUEIRA” PARA OS TÍTULOS

TEXTO, FOTOS E ÁUDIO
Gonçalo Pereira, Rafael Coelho

Rui Mourinho, Presidente do Esgueira, destaca a qualidade do basquetebol feminino e reforça a importância da igualdade de tratamento dos atletas de ambos os sexos.

Foi eleito em 2020, tendo já feito parte da direção anterior como vice-presidente. Esta experiência facilitou a adaptação como presidente?

Sim, foi fundamental. Ninguém aprende a ser presidente e, numa cultura muito portuguesa, em que as pessoas só aceitam falar com o presidente, leva a que o presidente de um clube em Portugal tenha uma importância e ocupação muito grande. Fazer parte da direção ajuda muito a perceber quais são os caminhos a trilhar.

Como é possível sobreviver no basquetebol português? Os patrocinadores conseguem cobrir as exigências?

As receitas são provenientes, principalmente, dos sócios, bilheteiras e merchandising. É muito complicado atrair investidores privados. Ao contrário do Estado, que não apoia o desporto, a Câmara Municipal de Aveiro tem sido uma grande ajuda. É necessário haver uma cooperação entre clubes para uma maior valorização do basquetebol português. A aposta na formação e nos jovens é essencial para se sobreviver no basquetebol.

Como funciona o recrutamento internacional?

O processo de recrutamento, atualmente, é mais fácil graças às tecnologias. É fácil assistir, por exemplo, a jogos universitários americanos ou a jogos europeus. O *scouting* é feito com recurso a estatísticas de fácil acesso. Existem sobre muitas competições de todo o mundo. Sobre a questão ‘portugueses versus estrangeiros’, os clubes estão autorizados pelo regulamento a usar

5 estrangeiros. Por norma, o jogador europeu é mais caro do que o americano. Em relação ao nível salarial, fazemos a diferenciação pela qualidade do jogador e não pela nacionalidade. O Esgueira dá palco ao desporto feminino há muitos anos pela porta do basquetebol.



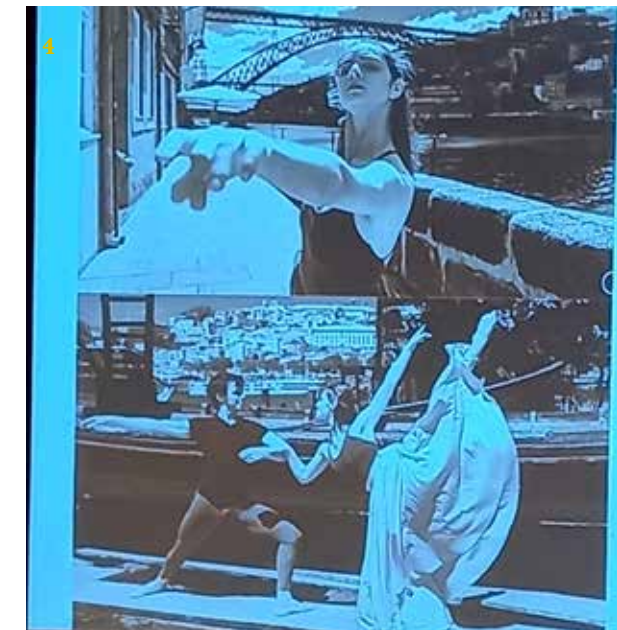
Como vê a Direção o basquetebol feminino? Há intenção de investir mais, tanto por parte do clube como por parte da Federação?

O Esgueira tem feito uma aposta grande no basquetebol feminino. Isso é indubitável. O orçamento feminino tem crescido de forma exponencial. Este ano, é três vezes superior ao orçamento de há 3 anos. É tratado de forma igual ao basquetebol masculino em todos os setores. O que pagamos aos melhores portugueses e estrangeiros no masculino pagamos no feminino. Não há qualquer diferenciação. O projeto feminino passa por conseguir consolidar a presença na Liga e um título. A Betlic exigiu à Federação que o dinheiro fosse repartido de forma igual. Em termos de jogo, não há tanto show, as atletas são mais rigorosas e comprometidas. Respeitam mais as colegas, as adversárias e os árbitros.



Rui Mourinho: As atletas são “mais rigorosas e comprometidas”

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA UNIVERSIDADE DA MAIA



- 1 Debate sobre o humor na comunicação
- 2 Seminário “A Revolução nas Redações”
- 3 Debate sobre “Comunicação e Política Jovem”, com a presença de Francisco Jesus, Filipe Antunes e Alexandre Galiza
- 4 Mara Morais, bailarina, no Seminário sobre comunicação e artes
- 5 ‘Influencers’ falam da importância do Tiktok na atualidade
- 6 Debate sobre as audiências nos media

UNIVERSIDADE DA MAIA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

808 202 214

umaia.pt

umaioficial

info@umaia.pt

LICENCIATURAS

- > Educação Física e Desporto
- > Gestão do Desporto

MESTRADOS

- > Ciências da Educação Física e Desporto
 - Especialização em Exercício Físico e Saúde
 - > Ciências da Educação Física e Desporto
 - Especialização em Treino Desportivo
- (Confere Grau II/III de treinador de futebol entre outras modalidades)

- > Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
- > Análise do Jogo de Futebol (Curso a distância)
- > Gestão do Desporto

DOUTORAMENTO

- > Ciências do Desporto
 - Especialidades em Exercício Físico e Saúde; Rendimento Desportivo



Pontes e canais, a ligação para redes de cultura

50 ANOS DE ABRIL COM JOSÉ AFONSO CANAIS PARA O FUTURO

TEXTO **Maria Lerenó** FOTOS **Luiz Humberto Marcos**

Aveiro arrancou em janeiro de 2024 com uma marca muito singular: ser a primeira ‘capital portuguesa da cultura’! O processo foi longo e exigente. No final dos quatro trimestres será feita a avaliação. Para já, os projetos são inovadores e abrem bons horizontes para o futuro.

Candidata a capital europeia da cultura/2027, Aveiro ficou com Braga e Ponta Delgada fora da escolha da UNESCO. Ganhou Évora. Mas perante a qualidade dos projetos, o Governo sugeriu a criação das capitais portuguesas da cultura, com dotações orçamentais específicas. Aveiro recebeu: dois milhões de euros. O projeto beneficia de mais seis milhões de euros do orçamento municipal.

José Pina, coordenador da programação, dá a conhecer alguns dos desafios e as metas pretendidas. Se o 1º trimestre é dedicado à Identidade, o segundo terá como tema a Democracia. Nele se integra a comemoração dos 50 anos da “revolução dos cravos”, o 25 de abril de 1974 que abriu as portas da democracia portuguesa.

A cidade irá dar palco à estreia do “Código Postal”, uma peça de teatro, com um elenco que se estende a um leque multicultural de atores. O espetáculo terá como foco a abordagem da democracia e dos processos

políticos. Concretamente, abordará “o que é a democracia, as vantagens e riscos que ela também acarreta”, nas palavras de José Pina (em entrevista por videoconferência).

A peça quebra fronteiras, indo contra todas as probabilidades. Junta atores russos e ucranianos. Mostra que, afinal, é para isto que a cultura serve: juntar as improbabilidades e torná-las possíveis, unindo as pessoas, mesmo de países em guerra.

Ao longo dos meses, haverá muitos eventos em espaços públicos de Aveiro e coproduções artísticas com o Teatro Nacional D. Maria II, o Teatro Nacional S. João e o museu de Serralves.

A informação sobre o programa cultural está a ser doseada, mas podemos anunciar que o 2º trimestre terá dois eventos em torno de José Afonso, o emblemático cantor de intervenção natural de Aveiro.

Ser cidade pioneira do projeto coloca dificuldades. “Há uma série de desafios e responsabilidades que surgem, por sermos os primeiros”. José Pina acrescenta “o desafio da corrida contra o tempo”. E sublinha uma preocupação central: “construir um projeto

que não colocasse em causa a evolução que tem vindo a acontecer no nosso processo cultural e que não hipoteque o futuro”.

Por isso, mesmo que o caminho seja longo, as expectativas são altas. No final da ‘capital da cultura’, Aveiro quer deixar raízes. De que tipo?

“Criar redes colaborativas fortes, não só entre as ‘capitais portuguesas da cultura’, como também com outras, naquele que é o desenvolvimento do setor cultural, do apoio à criação, da circulação de públicos, da sustentabilidade dos equipamentos e dos projetos”.

A ideia é forte.

A designação de capitais da cultura “cria momentos excecionais para a qualidade de cada município”. Serve para colocar a cultura “no centro das prioridades municipais e das pessoas”. Aveiro quer seguir esta aposta, como disse ao Ágora o coordenador. A ambição é ampla: “potenciar a cidade, de modo a ser um dos principais centros da criação artística e da programação cultural em Portugal.”

Abrem-se, em Aveiro, canais de um futuro cultural promissor.



Retrato de José Afonso em madeira (Marcos Muge), no átrio da estação ferroviária de Aveiro.

A canção Grândola Vila Morena, que encima, verso a verso, as páginas desta edição, foi cantada por José Afonso pela primeira vez ao vivo, em Santiago de Compostela, Galiza. Data: 10 de maio de 1972. Longe estávamos de imaginar que a canção seria a senha do arranque vitorioso do 25 de abril de 1974